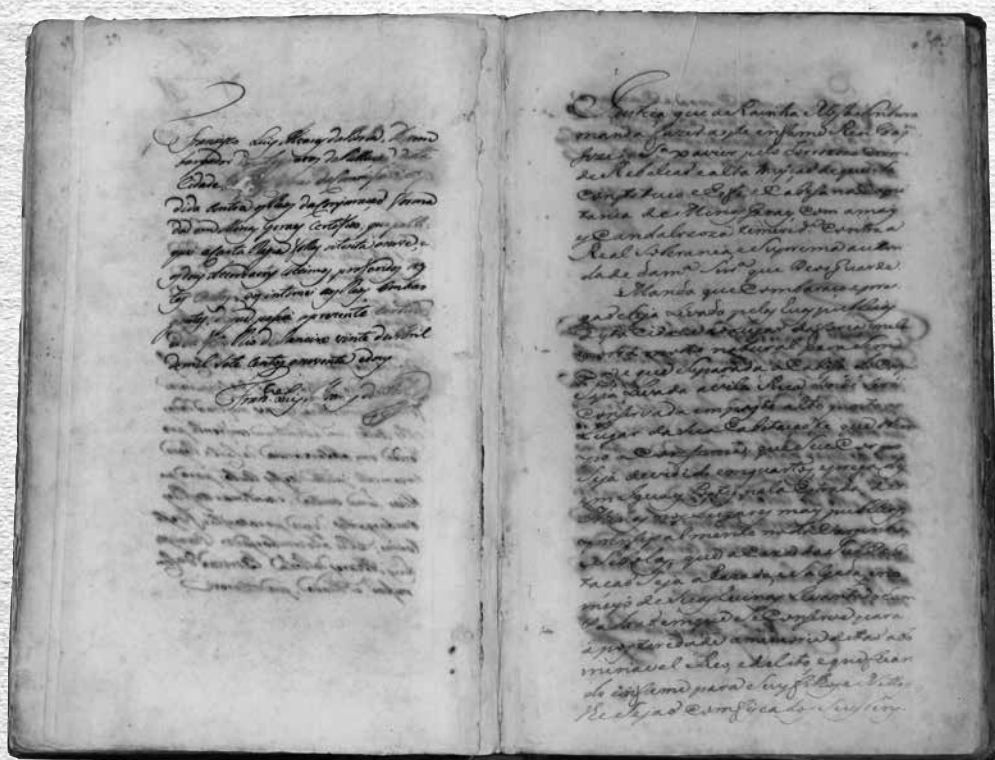




isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XVIII • Nº 43 • 2016



Autos de Devassa da Inconfidência Mineira

2 Sendo a Inconfidência Mineira um dos principais acontecimentos de nossa História, não deixa de ser estranho o fato de que, sobre ela, quase nenhuma documentação exista. José de Rezende Costa (filho), inconfidente que chegou a cumprir pena de degredo na África e retornou ao Brasil, convidado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro para depor sobre o movimento, poderia ter dado uma contribuição de valor a esse respeito. Mas havendo conseguido recompor bem sua vida por aqui, inserindo-se na cúpula dominante, onde desempenhou até a função de Deputado à Assembleia Constituinte Brasileira e depois à Legislatura Ordinária, é natural que não desejasse, de forma alguma, correr o risco de se comprometer com o imperador. O que fez, para não deixar de corresponder ao convite, foi oferecer a tradução de um capítulo da *História do Brasil*, do inglês Robert Southey, texto medíocre, de puras generalidades, a que acrescentou depoimento de exaltação de Tiradentes, do seu companheiro padre Manoel Rodrigues da Costa, também egresso do degredo.

A pessoa mais indicada para relatar sobre a Inconfidência, que também sobreviveu ao seu período de condenação e possuía excepcionais condições de intelectual e inclusive de escritor, seria Tomás Antônio Gonzaga. Acontece que ele, com relação a uma hipótese dessa natureza, teria que enfrentar situação muito semelhante à de Rezende Costa. Perfeitamente integrado no meio social de Moçambique, onde passou a ser personalidade prestigiada pelo próprio governo local, ao qual prestava serviço com a tolerância de Portugal, que no caso fazia vistas grossas, porque era terminantemente proibido esse tipo de espúria convivência de condenados com as administrações coloniais, para ele seria grande risco afrontar a política do reino.

O que sobrou de documento, e sem dúvida acabou sendo de muita valia, é o conjunto processual dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, que passou a ser lido após a derrocada do Império, com a campanha para a proclamação da República. Através dessa papelada ficamos conhecendo informações gerais sobre a conspiração, sobre os nomes e a vida de todos os personagens envolvidos, até sobre o cotidiano da vida no período. Mas daí a dizer que somente com essa ajuda chegamos a conhecer o que de fato constituiu o movimento político, em absoluto não corresponde à verdade. Uma compreensão da conspiração que se perpetuou – e até hoje vem sendo parte do ensinamento nas escolas –, produzida por uma interpretação desarmada do processo, de incontestável impregnação romântica, é de completa distorção dos fatos. O que se espera é que a atual maturidade do pensamento brasileiro a nível acadêmico, que se tornou complexo, universalista e cada vez mais crítico, venha contribuir para que uma leitura mais científica dos *Autos* possa desentranhar deles o que está ali à espera de ser encontrado. A presente edição de *Isto é Inconfidência* e a que se segue terão alcançado êxito se puderem ser consideradas um passo nesse sentido.

Capa:
Foto Aldo Araújo

isto é inconfidência

ANO XVIII • Nº 43 • 2016

ISSN 2177-0212

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Roberto Freire

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Marcelo Mattos Araújo

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

IBRAM - MinC - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

trimestral

Projeto Gráfico:

Laís Freire dos Reis

Editor:

Rui Mourão



A Inconfidência Mineira é marco fundamental da história do Brasil. Objeto de estudo de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, o tema não se esgota e sempre fascina a todos aqueles que buscam conhecer um pouco mais sobre aquele acontecimento, o que resulta, em geral, em interpretações e enfoques diferenciados.

Neste texto selecionamos partes de depoimentos de alguns réus nos Autos de Devassa que, embora tomados em circunstâncias de temor e opressão, permitem vislumbrar um pouco da vida e da maneira de pensar daqueles suspeitos de participar ou consentir na conjuração contra a Coroa Portuguesa.

Nesse sentido, citamos palavras e expressões utilizadas na linguagem coloquial das Minas Gerais naquele período. Embora se trate de documento escrito e de fonte oficial, os textos reproduzem as falas dos depoentes. Datados de 1789-1790, a sua compreensão não é difícil, mesmo porque muitos dos termos empregados fazem parte do nosso vocabulário, como veremos a seguir:

Domingos de Abreu Vieira, Tenente-Coronel do Regimento de Cavalaria Auxiliar de Minas Novas declara que ouviu uma conversa entre Tiradentes e o Padre Rolim, na qual diziam que, tão logo fosse deflagrado o levante, o Visconde de Barbacena seria decapitado. Assim se expressaram, segundo o depoente: "Quanto ao general, *cabecinha fora, cabecinha fora*".

O Tenente-Coronel Basílio de Brito Malheiro do Lago, do Regimento de Cavalaria de Paracatu, dá a seguinte declaração: "... entrando ele testemunha em uma noite pela Estalagem das Cabeças, (...) lhe disse um José Joaquim de Oliveira": "Sabe que mais, Senhor Tenente-Coronel? Aqui disseram hoje que estava para haver um levante nas Minas". "E ele, testemunha, lhe respondeu": "Só se *for um levante de putas*".

Em outra ocasião, ao sondar Cláudio Manoel da Costa sobre a sublevação, este respondeu: "Nas Minas não há gente (...) só o Alferes Joaquim José, por alcunha o Tiradentes, anda feito *corta-vento*!" ... E narra ainda o depoente que, certa vez, estando em uma das lojas que ficam por baixo das casas do Contratador João Rodrigues de Macedo, o Alferes disse: "Ora, aqui têm Vossas Mercês todo esse povo açoitado

Linguagem coloquial nos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira

por um só homem; e nós todos *a chorarmos como negros: ai, ai*. E de três em três anos vem um e leva um milhão (...) e como hão de passar os pobres filhos da América?".

Vicente Vieira da Mota, caixeiro e secretário do Contratador João Rodrigues de Macedo, declarou em seu depoimento que, ao ser sondado pelo Alferes, perguntou: "Ora, você que motivos tem, ou que acha em mim, que sirva para isto ou para me convocar a semelhante despropósito?" E ele lhe respondeu que o achava homem "*nervudo*". E ele, testemunha, disse também: "Você anda fazendo alguma que lhe há de ainda *disparar em algumas dores de cabeça*". Ao que o Alferes respondeu: "É porque eu não acho homens, e os filhos destas Minas são todos uns vis. Porém, se eu os não achar, *hei de amarrar uma meada que, em cem anos, se não há de desembaraçar*".

José Joaquim da Rocha, Sargento Mor de Minas Novas declarou que "... achando-se ele, (...) na Casa da Ópera no Rio de Janeiro, viu entrar pela plateia um oficial do Regimento de Cavalaria Paga dessa Capitania, Joaquim José da Silva, por alcunha o Tiradentes; e logo que entrou lhe *deram uma pateada*..."

José de Vasconcelos Parada e Sousa, Sargento Mor do Regimento de Cavalaria Paga, perguntando ao estalajadeiro João da Costa Rodrigues o motivo da prisão do Alferes, lhe respondeu aquele "que um dos dias antecedentes, (...) jantaram ou comeram na sua casa três sujeitos, e que à mesa pegando um deles, e que era o mais *fraca - roupa*..."

José Vicente de Moraes Sarmiento, Capitão do Primeiro Regimento de Auxiliares, em seu depoimento conta que "depois das ditas" prisões, ouviu ele testemunha dizer ao Tenente - Coronel Antônio José Soares de Castro que, pedindo umas mulheres desta Vila, por alcunha as *Pilatas*⁴, ao Alferes Joaquim José da Silva, que concorresse para se assentar praça de soldado na Tropa Paga a um seu irmão, ele lhe respondera que deixassem estar; que brevemente se lhe assentaria praça, porque ele, dito Alferes, estava para ser um grande homem.

Francisco Antônio de Oliveira Lopes, Coronel do Regimento de Cavalaria Auxiliar da Comarca de São João del Rei, tinha o apelido de "*Come-lhe os Milhos*⁵", por falar muito rápido. Ao ser interrogado por que havia mentido no seu depoimento anterior, respondeu "que mentiu sem fim, nem razão alguma. Foi unicamente por querer mentir; porque *quem não mente não é de boa gente*".

Matias Sanches Brandão, Alferes do Regimento de Cavalaria Regular de Vila Rica, declarou que ele "fazia bem pouco conceito da capacidade daquele Alferes, que sempre foi tido por um homem *rústico*⁶ e *atroado*⁷..."

O vigário Carlos Correa de Toledo, ao tomar conhecimento das prisões de Tiradentes e Joaquim Silvério (...) mandou o seguinte recado a Francisco Antônio de Oliveira Lopes: "... *mas vale morrer com a espada na mão, que como carrapato na lama*".

Manuel Fernandes Coelho declara em seu depoimento que, estando na casa do escrivão da Ouvidoria de Vila Rica, José Veríssimo da Fonseca, este foi atender a um chamado em sua casa, e voltou dizendo "que uma pessoa *rebuçada*⁸ fora à casa do Doutor Cláudio Manuel da Costa avisá-lo de que o queriam prender..."

Silvestre Gomes Correia Falcão, Anspeçada do Regimento de Cavalaria Paga da Capitania de Minas Gerais, relata em seu depoimento que, "sendo ele um dos camaradas que conduziram presos o Vigário de São José e o Coronel Alvarenga, ouviu o mesmo dizer que "sem dúvida aquilo devia ser asneira de Joaquim José e Joaquim Silvério, os quais mereciam *cachorros na cabeça*⁹..."

Francisco Xavier Machado, Porta-Estandarte do Regimento de Cavalaria Paga da guarnição de Vila Rica, em seu depoimento afirma que, ao tentar dissuadir o Alferes de voltar ocultamente a Minas, este repetia insistentemente: "Ah, se eu me apanhasse em Minas!". Tamanho ardor justificava os apelidos que lhe deram os seus contemporâneos: o *República* e o *Liberdade*.

Concluimos esta abordagem lembrando a poetisa Cecília Meireles que, ao comentar a composição do *Romanceiro da Inconfidência*, afirma

que buscou "entremear a linguagem da época à dos nossos dias" (...) para "narrar o que foi ouvido nesses ares de Minas, especialmente nesta Ouro Preto, cheia de ressonâncias incansáveis..."¹⁰. Foi nesse sentido que pontuamos algumas palavras, expressões e ditos populares, na tentativa de nos aproximarmos um pouco do universo daqueles protagonistas de fatos cruciais da memória do nosso país.

SUELY PERUCCI

Notas:

1. Narceja (pássaro); cata-vento.
2. Com nervos vigorosos. Com força física; forte, musculoso, robusto.
3. Pateada é uma manifestação de desagrado, que consiste em bater com os pés no chão, nos espetáculos teatrais.
4. Pilata significa a pia de água benta, "onde todos botam a mão". As Pilatas eram as costureiras Ana Maria Rosa da Silva, a mãe, Simplícia Maria de Moura e Caetana Francisca de Moura, suas filhas. As três pleiteavam o patrocínio de Tiradentes para o filho e irmão Serafim Gonçalves, segundo Tarquínio José Barboza de Oliveira, *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, 1976, V. I, Nota 1, p. 184.
5. IMBROISI, Waldyr Rocha. *A literatura reescrevendo história: as vozes excluídas em Romanceiro da Inconfidência*. Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UNIPAM, (4): 156-173, 2011, p. 163.
6. Rústico - rude, simples, grosseiro. É um adjetivo que faz referência a tudo que é mal acabado, malfeito, tosco, que não foi lapidado ou polido.
7. Atroado - diz-se de pessoa que faz tudo errado. Aturdido, atordoado.
8. Rebuçado - que se rebuçou; embaçado, oculto, disfarçado.
9. Sou de opinião que o termo se refira a peça de madeira ou de pedra, que sustenta ou aparenta sustentar beirais de telhados e pisos das sacadas ou balcões, tão comuns nas edificações do período colonial brasileiro.
10. MEIRELES, Cecília. "Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência". In: *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 11-33.

Bibliografia:

Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Disponível em: <<http://portaldainconfidencia.iof.mg.gov.br>> Acesso em 22/10/2016.
Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2009.

Os *Autos de Devassa* são a documentação fundamental para o estudo da Inconfidência Mineira. Através deles chegamos a conhecer os fatos básicos da conspiração que envolveu figuras exponenciais da elite do Estado. Eles reúnem a devassa promovida pelo vice-rei Luís Vasconcelos e Sousa no Rio de Janeiro, a aberta pelo governador Visconde de Barbacena em Minas Gerais, e o processo movido pelos juízes do Tribunal da Alçada, que chegaram de Portugal com o objetivo de promover a compatibilização das duas investigações levadas a efeito no Brasil, aprofundar os depoimentos nelas colhidos e proferir o acórdão de encerramento do caso. Por que três processos para julgamento de uma única causa? Naturalmente porque foram todos eminentemente políticos.

Feita a denúncia, o governador não instalou imediatamente a devassa. Segundo já se disse, ele pretendia diminuir a importância do movimento, promover o interrogatório dos participantes sem muito alarde e expulsar do país os responsáveis. Mas um mês depois, Joaquim Silvério dos Reis apareceria no Rio de Janeiro para renovar a denúncia, então perante o vice-rei. Quando chegou a Vila Rica a notícia de que havia sido instalado um processo naquela capital, tendo sido presos o denunciante e Tiradentes, que se encontrava lá desenvolvendo trabalho de aliciamento de adeptos para a causa que agitava Minas Gerais, o governador abriu às pressas o mesmo procedimento em Vila Rica. Começou a efetuar prisões e proceder a interrogatórios, enviando os implicados para serem ouvidos também pelo vice-rei.

Seguiu-se um período de desentendimento grande entre as duas autoridades, que eram parentes, pois se tratava de tio e sobrinho. Luís de Vasconcelos desejava ter informações sobre o que se passava em Vila Rica e o visconde de Barbacena tergiversava. O governador chegou a receber advertência formal pelo seu comportamento. Continuou retardando o atendimento das solicitações, mas acabou enviando por emissário duas cópias do que havia sido feito por aqui. Uma para o Rio, outra para ser remetida diretamente a Portugal, através da Bahia. Como podemos entender o procedimento do chefe do governo em Minas Gerais?

O visconde de Barbacena, muito jovem, estava na casa dos vinte anos. Em Portugal, participava de reuniões secretas de estudantes para debate das ideias revolucionárias dos enciclopedistas franceses, filósofos que se opunham à teoria do poder divino dos reis e preconizavam um regime em que os governantes seriam escolhidos pelo povo. Havia sido colega de José Álvares Maciel na Sociedade Científica de Lisboa. Quando veio para tomar posse no governo da capitania, viajou no mesmo navio com o amigo, que retornava a sua terra depois de terminar os estudos em Portugal e passar um ano e meio na Inglaterra onde acompanhou a implantação do forno Birmingham, de fundição de ferro, e tomou conhecimento da revolução industrial que iniciava naquele país. Barbacena convidou o amigo para morar no Palácio do Governo, com a missão de ajudar na educação dos filhos. Durante todo o tempo em que estivera convivendo debaixo do teto do governador, Maciel participava da conspiração pela independência, como um dos mais convictos participantes e, ao ser colocado o problema da sua prisão, o visconde fez tudo para evitá-la, alegando que não passava de equívoco o envolvimento do companheiro na conspiração. Cláudio Manoel da Costa, no depoimento surpreendente que fez, aparentemente sem controle, comprometendo muitas pessoas, inclusive o poeta Tomás Antônio Gonzaga – pessoa de sua íntima amizade –, chegou a comprometer o governador. Em Vila Rica era voz corrente, o visconde aguardava a vitória do movimento rebelde para assumir a presidência.

O terceiro conjunto de documentos que completou a documentação básica sobre a Inconfidência foi resultado do trabalho dos juízes da Alçada, chegados em 1870. O episódio protagonizado na cadeia pública do Rio de Janeiro comprovaria de maneira indiscutível, o processo movido pelo governo português não passava de grande encenação política. Reunidos todos os implicados para conhecer o resultado do julgamento, o desembargador que presidia o Tribunal tirou do bolso um texto para leitura. Onze réus foram condenados a morte na forca. O desespero que então se instalou não teve limite. Estabeleceu-se a maior confusão, com pessoas que se supunham estruturadas

perdendo totalmente o controle. Em desespero, praticamente todos se lastimavam, fazendo mútuas acusações, muitos em prantos, cada um com a perspectiva da morte diante de si. No dia seguinte, o mesmo personagem da véspera sacaria do bolso um segundo texto, que reformava o anterior. Dez prisioneiros viram de repente seu destino transformado. A pena deles foi abrandada para a de degredo na África. Somente Tiradentes, considerado o chefe da rebelião, continuaria condenado ao sacrifício na forca. Os propósitos daquela decisão, sem dúvida tomada em Portugal, ficaram mais do que claros. A rainha D. Maria I manteria uma pena capital exemplar, para resguardo da sua autoridade e, depois de assombrar a todos com a demonstração do risco que corriam os que ousavam desafiar os seus poderes, aproveitava o ensejo para uma pública demonstração de generosidade, grandeza humana e magnanimidade.

O conjunto dos processos, metidos em famosos sacos verdes, ficaria recolhido à Secretaria do Governo até ser transferido, parte para a Biblioteca Nacional, parte para o Arquivo Nacional, órgãos criados por D. João VI. Durante anos estiveram relegados a completo esquecimento. Ninguém era capaz de tocar na Inconfidência, assunto ofensivo à coroa portuguesa e aos membros dela que se sucederam no governo brasileiro. O movimento parecia completamente superado. D. Pedro II certa vez se referiu com bonomia a Tiradentes, dizendo que havia sido o menino da nossa História. Com o aparecimento da campanha pela república, que chegava insuflado pelo positivismo de Augusto Comte, a situação passou a ser outra. Como a aspiração republicana fora sonho dos conspiradores de 1789, a Inconfidência não podia deixar de ser transformada em bandeira naquele momento. José de Resende Costa, que concluído o tempo de degredo na África, retornaria ao Brasil, foi convidado pelo Instituto Histórico e Geográfico

Autos de Devassa da Inconfidência Mineira - I



SALA DA INCONFIDÊNCIA

Brasileiro para fazer um depoimento sobre a conspiração. Já integrado na política brasileira, pois em 1821 chegara a ser deputado por Minas Gerais junto às Cortes de Lisboa e dois anos depois se elegeu deputado à Assembleia Constituinte, cumpriu a incumbência com muito constrangimento, limitando-se a apresentar um relato sumário do movimento. O que fez foi exaltar a figura de Tiradentes, apresentado como líder, valendo-se de comentários do padre Manoel Rodrigues da Costa, inconfidente também que retornara ao Brasil, e da obra do inglês Robert Southey, que escrevendo uma *História do Brasil*, superficialmente tocara na conspiração. O apego com que a sociedade inteira passou a

discutir o assunto, entretanto, tornou-se sem volta e acabaria contribuindo de maneira decisiva para a queda do império.

O historiador Mello Moraes, bisavô do poeta Vinícius de Moraes, seria o primeiro a tomar a iniciativa de publicar, no *Brasil Histórico*, a parte inicial dos *Autos* que se encontrava na Biblioteca Nacional. A revista *Tiradentes* reproduziria a mesma matéria. Nos anos 1894-95, seguindo o exemplo do pai, Mello Moraes Filho transcreveu grande quantidade de documentos sobre a Inconfidência e sobre as atividades de Tiradentes relacionadas com a construção de moinho, trapiches e projeto para a regularização do abastecimento de água na cidade do Rio de Janeiro. Francisco Xavier da Veiga, que em 1897 lançou em Ouro Preto as *Efemérides Mineiras*, continuou esse trabalho de divulgação, que seria ainda mais ampliado quando foi criada a *Revista do Arquivo Público Mineiro*, órgão por ele dirigido.

Em 1933, José Afonso Mendonça de Azevedo começou a estampar no *Jornal do Brasil* aquela primeira parte

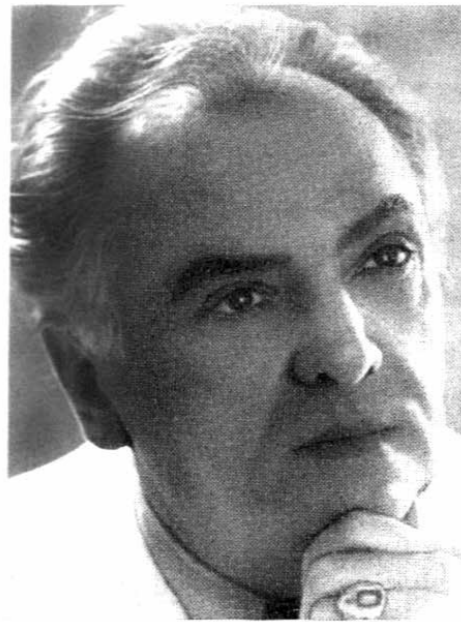
dos *Autos* e prometia fazer a divulgação completa dos documentos pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, mas isso acabou não acontecendo. Possivelmente porque Getúlio Vargas, havendo tomado a iniciativa de repatriar os restos dos inconfidentes mortos no Continente Africano, em 1936 daria sequência a essa providência com um decreto que mandava o Ministério da Educação e Saúde Pública se incumbir da publicação da íntegra dos *Autos* e demais documentos relativos à Inconfidência. A Biblioteca Nacional, sob a direção de Rodolfo Garcia, requisitando as peças que se encontravam no Arquivo Histórico Nacional, pertencente ao Ministério da Justiça, deu imediato cumprimento à primeira recomendação do dispositivo legal. A segunda, que se referia aos demais documentos relacionados com a conspiração, deixou de ser cumprida. E é preciso que se diga, mesmo os processos na sua totalidade não chegaram a vir a público.

D. Maria I, muito católica, tendo ficado extremamente preocupada com a presença dos padres no movimento, mandou desentranhar do conjunto a documentação a eles referente, deixando-a em Portugal sob a guarda do Conde de Galveias, que havia sido governador de Minas Gerais. Tais peças permaneceram na biblioteca que pertencera a esse nobre português e os bens da família foram confiscados. Obrigada a fazer dinheiro da maneira que fosse possível, uma das providências tomadas foi oferecer os documentos para venda ao governo brasileiro, então sob a presidência do general Ernesto Geisel. Houve uma consulta a respeito ao Museu da Inconfidência. O processo veio às minhas mãos e, em parecer circunstanciado, informei que o conteúdo da documentação era conhecido porque nosso *Anuário* havia feito a sua publicação, mas eu entendia que os manuscritos deveriam ser adquiridos, por constituírem elementos de grande simbolismo histórico. A decisão foi por não realizar a compra, levando os portugueses a procurar, em Londres, os serviços da casa leiloeira Sotheby's. O intelectual Mauro Werkema, à época jornalista do *Estado de Minas*, foi o primeiro a chamar atenção para o fato. Documentos fundamentais do país estavam sendo oferecidos para venda na Inglaterra. A notícia passou à imprensa do Rio e São Paulo, chamando a atenção dos órgãos da administração federal, que se apressaram em tomar providências para resolver o assunto. O Itamaraty saiu na frente, o Banco do Brasil adiantou o dinheiro e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional conseguiu promover a arrematação do que atualmente se encontra nos arquivos do Museu da Inconfidência.

Em 1969, quando dirigia a Divisão de Documentação e Divulgação do Museu Histórico Nacional, Herculano Gomes Mathias propôs ao Instituto Nacional do Livro a publicação de nova edição dos *Autos de Devassa*, com a inclusão de toda a documentação que no Brasil ou em Portugal ainda estivesse em arquivos ou em mãos de particulares. Com a substituição do diretor do Instituto, a sugestão ficou sem ser atendida. Retomando a ideia três anos mais tarde, o historiador carioca resolveu procurar a Câmara dos Deputados, na ocasião presidida pelo mineiro José Bonifácio de Andrada. A proposta vingou, tendo sido firmado acordo em que Herculano Mathias obrigava-se a entregar, no prazo de um ano, os originais completos para impressão. No mesmo ano foi assinado convênio com a Imprensa Oficial de Minas Gerais, para que o trabalho fosse realizado em suas oficinas gráficas. Posteriormente, o governo mineiro designaria uma Comissão de Redação Oficial para supervisionar o trabalho, composta do pesquisador Ivo Porto de Menezes e do historiador Tarquínio José Barbosa de Oliveira, este na qualidade de revisor e anotador. Logo os volumes começaram a ser lançados, mas em dezembro de 1980 Tarquínio faleceu, ficando Herculano Mathias encarregado de substituí-lo. A empreitada se concluiu com a publicação de dez tomos. Em 2001, Herculano procuraria o Museu da Inconfidência propondo a juntada de mais um, o décimo primeiro, porque havia conseguido reunir novos documentos. Recentemente, pensando numa reedição – no comércio não se encontra volume à venda –, o Museu constituiu comissão de historiadores para tentar resolver em definitivo assuntos ainda pendentes. Já houve manifestação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de que ainda existem documentos a serem acrescentados e os comentários que acompanham o texto, em parte contestados, precisam passar por revisão rigorosa.

O carioca Sebastião Fernandes de Souza (1887-1944) exerceu, sob o pseudônimo de Gastão Penalva, intensa atividade intelectual. Foi romancista, tradutor, novelista, crítico literário, contista, cronista e conferencista, com legado de cerca de 20 livros. Mas se a obra é farta, escassos são os registros sobre o autor. Nas próprias memórias, publicadas postumamente, pouco falou de si. Preferiu se estender em considerações sobre a árvore genealógica da família, cujas raízes remontam ao tempo dos bandeirantes. Necessário se faz colher, ali e acolá, fragmentos de informações que conduzam a marcos de sua trajetória de incansável labor. O pai - Ernesto de Souza - foi músico, compositor e teatrólogo, fazendo fortuna como industrial farmacêutico criador do "Rum Creosotado", para o qual compôs versos de propaganda afixados em cartazes nos bondes até meados do século passado: ("Veja, ilustre passageiro,/ o belo tipo faceiro/que o senhor tem ao seu lado;/mas no entanto, acredite/ quase morreu de bronquite,/salvou-o o Rum Creosotado").

Nasceu o escritor em Andaraí, onde morou por cerca de um quarto de século, numa chácara cercada de "altas jaqueiras carregadas de frutos e ninhos". Aquele bairro era, na época, periferia distante da área central da cidade do Rio de Janeiro e apresentava ainda características de pequenos vilarejos interioranos. Circulavam pelas suas ruas, meio a animais domésticos, "sorveteiros cantadores", "mercadores de roletas de



Prevalecem em *Mulheres* (1933) figuras femininas notáveis, em retoques suaves ou altaneiros, imortalizadas na história, na poesia e nas lendas, como assinala Maria Eugênia Celso no prefácio. Com olhar de velada ternura, o autor acompanha a mulata Leopoldina, ama de Castro Alves, que, ao transmitir ao menino narrativas pungentes do sofrimento dos escravos, plantaria inconscientemente "naquele cérebro embrionário" a semente das ideias libertárias defendidas pelo futuro poeta abolicionista. No mesmo tom de admiração, disfa descreve cena imaginária de reunião familiar em casa de Marília de Dirceu logo após o degredo de Tomás Antonio Gonzaga. Noutro episódio, destaca traços marcantes da personalidade da bela e culta Bárbara Heliodora, que acompanhou os passos do marido Alvarenga Peixoto no movimento da Conjuração Mineira, encorajando-o nos momentos de fraqueza. Há na coletânea outros registros interessantes e pouco conhecidos. Um deles se refere à infeliz Maria Vicência, noiva-viúva de Bocage. Integrante da caravana real que fugiu à invasão de Portugal pelas tropas francesas, ela passou a residir com o pai e o irmão em cidades do sul de Minas Gerais, vindo a falecer e a ser sepultada em São Gonçalo do Sapucaí. Duas figuras femininas nativas ligadas por laços de família mereceram acentuado destaque. A índia Paraguaçu, casada com o naufrago português Diogo Álvares Correa - o Caramuru - foi estimuladora do marido na ação de doutrinar os selvagens contra a participação em

O escritor-marinheiro Gastão Penalva

cana" e muitas "hortas beiravam a imponência das serras". Em datas festivas, havia ruidosa queima de fogos e sons alegres de charanga. Após concluir o curso primário, o futuro homem de letras ingressou no Colégio Militar e, em 1904, matriculou-se na Escola Naval. Marinheiro graduado, conheceu "...coisas, gentes, panoramas de todo o mundo...em terras bárbaras ou civilizadas". Encantou-se com as pirâmides do Egito, subiu no dorso de elefantes amestrados na Índia, acompanhou, no Japão, os rituais comemorativos ao por-do-sol. Para o amigo Paulo José Pires Brandão, "o artista empolgava o marujo", que encontrou no oceano "eterna inspiração" e reverenciou a Marinha em: *Botões Dourados, Figuras de Proa, Gente do Mar, Patescas e Marambaias, Rajadas de Glória*. Patriota devotado, se empenhou na preservação da história da nação, participando da fundação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e, com Vicente Racioppi, do Instituto Histórico de Ouro Preto. Durante quatro anos devassou arquivos públicos e de irmandades religiosas, bibliotecas e museus, como pesquisador apaixonado pela arte, religião e passado da antiga capital das Alterosas. Deteve-se na demorada contemplação e análise dos "poemas de pedra" do mestre o barroco mineiro, para finalmente compor o romance histórico *O aleijadinho de Vila Rica* (1933). Utilizou o mesmo método de trabalho investigativo e ficcional para escrever *A tecedeira de nhanduti* (1928), onde o historiador romantizado mescla o trágico das batalhas da guerra do Paraguai com cenas de comovente história de amor:

sangrentas batalhas e de instruí-los na prática da agricultura, cabendo-lhes portanto o papel de colonizadores pioneiros do país. A filha do casal - Madalena Caramuru - mereceu figurar no elenco com dupla relevância, por ser a primeira mulher brasileira a aprender a ler e escrever e, sobremaneira, pela carta que enviou aos jesuítas revelando sua posição contrária ao cativo. O documento, datado de 23 de março de 1561, pode ser considerado como primórdio da cultura feminina nacional e constitui registro precursor da abolição. Antecipando-se em três séculos à Lei do Ventre Livre, a missivista remeteu à autoridade eclesiástica determinada contribuição, rogando que fosse "...aplicada para o resgate destas pobres criancinhas que se veem separadas dos pais cativos..."

Observa-se na obra de Gastão Penalva o emprego de técnica artesanal para recobrir o risco do bordado histórico com fios multicoloridos da fantasia. Para sua concepção, recorreu a variadas fontes de pesquisa, desde livros, biografias confiáveis e velhas coleções de jornais, até consultas a documentos vetustos rendilhados pelas traças. Um estilo fluente e vigoroso, que combina imagens cintilantes e erudição, torna sua leitura agradável e instrutiva.

Ao contrário do francês Pierre Loti, confrade nas armas e na arte, o marujo escritor brasileiro jaz no limbo do esquecimento, junto a tantos outros talentosos injustiçados da literatura.

RUI RIBEIRO | ESCRITOR E CRÍTICO LITERÁRIO

isto é *inconfidência*

O QUE DISSERAM DE NÓS

Impossível ir a Ouro Preto e deixar de ir a este museu!

MONIQUE T. | VIA TRIP ADVISOR

O Museu traz as histórias da Inconfidência Mineira que os livros não contam. Vale muito a pena conhecer.

CLAUDIA S. | DO RIO DE JANEIRO, RJ, VIA TRIP ADVISOR

Vir a Ouro Preto e não visitar este Museu é imperdoável, pois ele é tão repleto de histórias que só o edifício imponente já justifica a entrada. Seu interior, muito bem montado, abriga um acervo que abrange aspectos e documentos relacionados à Inconfidência Mineira, como peças artísticas em pinturas, esculturas, joalheria, vestuário, mobiliário e muitos itens religiosos de riqueza inquestionável. Atenção especial para as muitas obras de Aleijadinho, o rico acervo de relicários e a impressionante sala onde se reverenciam os inconfidentes. É obrigatório.

AFONSO CR. | DE SANTOS DUMONT, MG, VIA TRIP ADVISOR

É um dos museus mais completos que já visitei. Muito organizado e os funcionários são altamente instruídos e educados.

FERNANDA O. | DE BELO HORIZONTE, MG, VIA TRIP ADVISOR

Importante acervo da história do Brasil, com destaque para o período colonial. O prédio, em si, é notável. Exibe peças de grande importância histórica e a gentileza, mais ainda, a hospitalidade, dos funcionários é exemplar. Minas Gerais é nota 10!

APICIUS | DE TERESÓPOLIS, RJ, VIA TRIP ADVISOR

Visitar o Museu da Inconfidência é voltar na história e lembrar-se de como nosso país é rico em cultura e despertar o mais alto grau de sensibilidade para com as artes.

KENNY ESTEPHANNY | DE ANÁPOLIS, GO, VIA TRIP ADVISOR

Se quiser conhecer um pouquinho da história de Minas Gerais, este é o lugar. Ponto alto é a sala dedicada à Inconfidência Mineira!

FABIANA AMARAL | DE BARCELONA, ESPANHA, VIA TRIP ADVISOR

Eu já havia visitado o Museu da Inconfidência anteriormente com amigos e voltei com meu marido. Nunca é demais retornar. Visita obrigatória para quem vai a Ouro Preto.

ALINE R. | DE CAMBRIDGE, REINO UNIDO, VIA TRIP ADVISOR

Esplêndido. Local apropriado para reflexão e para reviver momentos de lutas e conquistas relacionadas aos heróis da Inconfidência. Parada obrigatória para quem visita a cidade.

FABIO J. | DE IPOJUICA, PE, VIA TRIP ADVISOR

A caprichosa montagem do Museu elevou imensamente sua categoria. Um passeio em torno de objetos relevantes da história de Minas e do Brasil. Estimula a construção da imagem de uma época. Um verdadeiro presente para a memória de um país.

ANDREA A. | VIA TRIP ADVISOR

Local imprescindível de visitar, onde nos debruçamos em rica cultura e história do nosso Brasil, exclusivamente de Minas Gerais.

ANDERSON O. | DE MONTES CLAROS, MG, VIA TRIP ADVISOR

Local que possui um astral diferente. Guarda um história pesada e bonita. Seu acervo é muito bem conservado. Os funcionários são atenciosos, dedicados e dispostos a prestar informações.

MÁRCIA | DE BRASÍLIA, DF, VIA TRIP ADVISOR

Um dos mais belos museus que já visitei. Possui um acervo variado e muito interessante. Recomendo a todos!

SANDRO N. | DE JOINVILLE, SC, VIA TRIP ADVISOR

Um dos museus mais espetaculares do Brasil! Organizado em uma linha de tempo, é possível acompanhar o desenrolar da história brasileira desde a exploração do ouro, passando pelo movimento da Inconfidência Mineira. Acervo rico, prédio espetacular, exposição bem organizada. Interessantíssimo, e merece ser visitado com calma.

MARISA C. | DE BRASÍLIA, DF, VIA TRIP ADVISOR

No Museu você fica de frente com a história do Brasil. O cuidado com as coisas, a limpeza e o atendimento dos funcionários impressionam.

JOSÉ ANTÔNIO S. | DE SÃO PAULO, SP, VIA TRIP ADVISOR

Guardo com carinho o ingresso para a entrada deste Museu. Uma volta ao passado com bastante categoria. Um lugar muito bem cuidado e limpo. Excelente!

CAROL G. | VIA TRIP ADVISOR

Museu muito completo da história brasileira e mineira. Tudo bem explicado, iluminação de acordo com o local. Fiquei impressionada com o acervo, além do próprio prédio.

MIRIAM RUI | DE PORTO ALEGRE, RS, VIA TRIP ADVISOR

Trabalho lindo. Parabéns a toda a equipe que proporciona sempre belas surpresas!

ROSA WOOD

SERVIDORA DO INCONFIDÊNCIA, VIA WWW.FACEBOOK.COM/MUSEUDAINCONFIDENCIA

AGENDA

Sala Manoel da Costa Athaide, Anexo I Santos Dumont: das raízes mineiras à ascensão do Gênio dos Ares

Visitação: terça-feira a domingo, das 10 às 18h, até 29 de janeiro de 2017.

Mostra em comemoração aos 110 anos do primeiro voo do 14 Bis, do mineiro Alberto Santos Dumont. Parceiros: Museu Histórico Nacional, Museu paulista da USP, Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, Arquidiocese de Diamantina, IPHAN - Escritório Técnico de Diamantina, Prefeitura Municipal de Diamantina, Arquivo Público Mineiro, Museu Casa Natal de Cabangu e Fundação Santos Dumont, Arquivo Municipal de Ouro Preto, UFOP - Museu de Ciência e Técnica e Arquivo central da Escola de Minas, Arquivo Público do Paraná e Museu Casa de Santos Dumont - A Encantada, Petrópolis, RJ. Entrada gratuita.

Anexo I do Museu da Inconfidência Lançamento de livros sobre educação por professores da UFOP

23 de novembro, quarta-feira, 19h.

Serão lançados os livros: *O (Des)Preparo do/a Professora/a na Presença dos/as Estudantes com Deficiência*, de Walquíria Silva Lúcio e Margareth Diniz; *Juventudes e o Mal-Estar na Contemporaneidade*, organizado por Cláudia Braga de Andrade, Margareth Diniz e Carla Mercês da Rocha Jatobá Ferreira; *As Sombras das Escalas - Um estudo sobre a Concepção de Anormalidade em Alfred Binet*, de Carla Mercês da Rocha Jatobá Ferreira; *As Diferenças Transitam nas Escolas: Mal-Estar, Inclusão Social e Diversidade*, organizado por Carla Mercês da Rocha Jatobá Ferreira, Margareth Diniz e Cláudia Itaborahy Ferraz, e *O Nome Atual do Mal-Estar Docente*, de Marcelo Ricardo Pereira.

isto é *inconfidência*

Visita

O novo presidente do Ibram, Marcelo Araújo, visitou o Museu da Inconfidência em setembro, na sua primeira viagem a Minas Gerais desde que assumiu o cargo. Fez questão de rever toda a exposição permanente, esteve em todos os anexos, conversou com os servidores e acompanhou algumas atividades que faziam parte da programação da 10ª Primavera dos Museus.

FIC

O Inconfidência recebeu inúmeras apresentações do Festival Internacional de Corais & Bandas, FIC 2016, promovido em setembro em homenagem ao poeta e compositor Fernando Brant. As apresentações ocorreram no pátio interno, na Praça Tiradentes e no auditório do Museu. As demais atividades se desenvolveram em outros pontos turísticos ouro-pretanos, além de Belo Horizonte e arredores.

Frida

A exposição Todos podem ser Frida no Projeto Girassol, em agosto, valeu-se de imagens da fotógrafa Camila Fontenele de Miranda registradas durante a 14ª Semana de Museus para a Sala Manoel da Costa Athaide. Foram o resultado de atividade com membros do Projeto Girassol, usuários da Saúde Mental de Ouro Preto, que puderam se transformar em Frida Kahlo por um dia. Tanto o projeto quanto a exposição propõe ao público a construção de um novo olhar em direção aos usuários. Na abertura, os visitantes também passaram pela mesma experiência, sendo caracterizados e retratados como a artista mexicana.

Primavera

O Inconfidência ofereceu vasta programação gratuita em setembro na 10ª Primavera dos Museus, trabalhando com o tema Museus, memórias e economia da cultura.

Por meio de artes manuais e debates, diversas oficinas abordaram a reutilização de papéis, a memória, a poesia e a inclusão social. Foram destaques as oficinas de livros lúdicos artesanais e de iniciação em quadrinhos/mangá, no Setor Educativo, na Casa do Pilar; a caminhada ecológica Minas e Trilhas do Ouro, Vila Rica do séc. XVIII à Ouro Preto do séc. XXI e a mediação cultural O Legado do Ouro: de Vila Rica a Ouro Preto.

Grassar

A exposição *Grassar: exercícios para um ateliê sem paredes* foi inaugurada em setembro, na Sala Manoel da Costa Athaide, como parte da programação da 10ª Primavera dos Museus. Contou trabalhos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, instalações do grupo de Pesquisa Interdepartamental dos artistas-professores Daisy Turrer, Elisa Campos, Fernanda Goulart, Liliza Mendes, Patricia Franca-Huchet e Rodrigo Borges Coelho, apoiados pela professora Anna Karina Bartolomeu, que atualmente coordena parte do Campus Tiradentes da UFMG. O objetivo é promover, sob dinâmica de intercâmbio, práticas artísticas a partir das experiências compartilhadas de pesquisa, exposições, colóquios, publicações e edições. A proposta se embasa na ideia de um ateliê aberto, por meio de pesquisas que vão além das linguagens específicas da pintura, do desenho, da gravura, da escultura e das artes gráficas. *Grassar* deriva do latim *grassare*. Em português, significa desenvolver-se, alastrar-se, propagar-se. Um dos usos do verbo no Brasil é andar, trilhar.

Amo Museus

A campanha Eu Amo Museus foi criada para valorizar e fortalecer a imagem das instituições por meio das redes sociais, com o objetivo de estabelecer uma rede de afeto e carinho entre as pessoas. Foi iniciativa

do Sistema de Museus de São Paulo e do Instituto Brasileiro de Museus, com apoio dos Sistemas Estaduais de Museus de todo o país. O lançamento se deu entre os dias 11 e 15 de julho. O Inconfidência participou da ação por meio do perfil www.facebook.com/museudainconfidencia.

Semana da Criança

A Semana da Criança, com o objetivo de aproximar a criança e o cinema, através de oficinas, atividades de arte, exibição de filmes e bate-papo, aconteceu no Setor Educativo, na Casa do Pilar, de 10 a 14 de outubro. Os participantes expressaram toda sua criatividade ao criarem seus próprios roteiros cinematográficos e os ilustrarem com os personagens.

ICOFOM

O auditório do Inconfidência foi um dos locais escolhidos para o XXIV Encontro do Subcomitê do Comitê Internacional para Museologia do Conselho Internacional de Museus para América Latina e Caribe, ICOFOM LAM. As atividades ocorreram de 17 a 19 de outubro, com o objetivo de debater questões teóricas e conceituais sobre a disciplina Museologia e seu objeto de estudo, além da publicação, nos anais, de papers enviados por seus participantes.

Paper Dolls

Dada a grande demanda de escolas e professores, o kit Bonecos de papel: Personagens de Ouro Preto agora está disponível para download gratuito no site do Museu da Inconfidência. Basta imprimir e brincar. O material do projeto Paper Dolls serve de apoio às ações educativas do Setor Educativo. Nele estão retratados personagens significativos da história ouropretana, como Marília de Dirceu, Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto:

www.museudainconfidencia.gov.br/pt_BR/museu/kit-bonecos-de-papel